CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO ACADÊMICO EM TEMPOS DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL. UM OLHAR FILOSÓFICO-DISCURSIVO*

THE ACADEMIC SUBJECTIVE CONSTITUTION IN TIMES OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE INSTRUMENTS CONCERNING

Robson Figueiredo Brito**
Maria Ângela Paulino Teixeira Lopes***

RESUMO
Este artigo constitui um desdobramento da exposição dos autores, em um dos encontros promovidos no âmbito do projeto "Diálogos pertinentes" cuja temática foi a reflexão sobre a questão das novas tecnologias, tendo em vista os avanços decorrentes da Inteligência Artificial (IA), cada vez mais presente em nossa vida. O foco do estudo recairá sobre a interação dos sujeitos universitários com os objetos do conhecimento, frente às possibilidades trazidas pelas ferramentas de geração de textos. Pretendemos examinar possíveis repercussões de usos da ferramenta *ChatGPT* no processo de formação acadêmica e profissional, e refletir sobre as implicações dos recursos de geração de textos na constituição autoral do sujeito universitário. Ancoramo-nos em estudos de perspectiva enunciativa que concebem as práticas discursivas em interação, ou seja, sob uma ótica discursiva marcada pela alteridade, pelo dialogismo e pela responsividade. Para examinar as práticas enunciativas e autorais dos sujeitos no diálogo entre linguagem e discurso, estabelecemos uma interface entre o quadro discursivo dialógico e as contribuições de pesquisadores alinhados à Análise do Discurso (AD). Por fim, apontamos para um desafio: ler esse "arquivo" de inteligência artificial sob o prisma da comunidade universitária sempre em interface com os saberes que dela se descortinam.
PALAVRAS-CHAVE: discurso; sujeito; autoria; modelo de linguagem; Inteligência Artificial.

ABSTRACT
This article is an unfolding of the authors' presentation, in one of the meetings promoted in the scope of the project "Pertinent Dialogues" whose theme was the reflection on the issue of new technologies, in view of the advances resulting from Artificial Intelligence (AI), increasingly present in our lives. The focus of our study will be on the interaction of university subjects with the objects of knowledge, in face of the possibilities brought by text generation tools. We intend to examine possible repercussions of uses of the ChatGPT tool, in the process of academic and professional training, and reflect on the implications of text generation resources, from specific demands, in the authorial constitution of the university subject. We anchor ourselves in studies of enunciative perspective that conceive the discursive practices in interaction, under a discursive perspective marked by other than myself, by dialogism and responsiveness. To examine the enunciative and authorial practices of subjects in the dialogue between language and discourse, we interface the dialogic discourse framework with the contributions of researchers linked to Discourse Analysis (DA). And, finally, we point to a challenge: to read this "archive" of artificial intelligence under the prism of the university community always in interface with the knowledge that comes from it.
KEYWORDS: discourse; subject; authorship; language model; Artificial Intelligence.

* Artigo recebido em 15/06/2023 e aprovado para publicação em 20/06/2023.
** Doutor em Linguística e Língua Portuguesa (PUC Minas). Professor Adjunto II do Departamento de Filosofia da PUC Minas. E-mail: robsonpucminas@gmail.com.
*** Doutora em Estudos Linguísticos (UFMG). Professora associada do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas. E-mail: mpaulinoteixeiralopes@gmail.com.

> Nem eu posso fazer-te todas as perguntas, nem tu podes dar-me todas as respostas. (SARAMAGO, 2003, p. 444).

1 DIÁLOGOS PERTINENTES: CONTEXTUALIZANDO O PROJETO

As considerações e análises apresentadas neste texto constituem um desdobramento da exposição dos autores, em um dos encontros promovidos no âmbito do projeto "Diálogos pertinentes"[1], coordenado por professores do Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Teologia da PUC Minas. Ao longo do primeiro semestre de 2023, o Projeto se propôs a discutir temáticas concernentes à *Filosofia e novas linguagens*, especialmente à questão das novas tecnologias, tendo em vista os avanços decorrentes da Inteligência Artificial (IA), cada vez mais presente em nossa vida. Considerando a velocidade com que essas ferramentas de IA alcançam o público consumidor, julgamos absolutamente relevante e necessário que haja uma reflexão ético-filosófica sobre as implicações dessa tecnologia na vida da sociedade contemporânea, fundamentalmente ligada a um saber-poder próprio dos campos disciplinares e da ciência.

Sob esse enfoque, a filosofia pode contribuir reflexivamente para pensar as repercussões da Inteligência Artificial, levando em consideração questões fundamentais como a responsabilidade ético-moral dos seres humanos na utilização das máquinas, particularmente em relação à privacidade e à segurança dos dados, a chamada "autonomia" dos sistemas que pode estabelecer um nexo entre humanos e robôs *sapiens*, notadamente em direção ao processamento do conhecimento.

Vale acrescentar que os diálogos entre professores, pesquisadores e estudantes universitários, possibilitados pelo projeto, são importantes porque suscitam perguntas e, possivelmente, investigações sobre como as novas linguagens (na/da esfera computacional) podem influenciar e, até mesmo, determinar nossa compreensão crítica da atuação da Inteligência Artificial no campo da produção acadêmica e científica.

Partindo do princípio de que, na esfera acadêmica, os processos de compreensão dos fenômenos emergem nas/das práticas discursivas próprias dos campos disciplinares, isto é, são apreendidos nas práticas de leitura e de produção de textos (orais e, sobretudo, escritos), o

[1] Iniciado no segundo semestre de 2020, o projeto tem como objetivo criar um espaço de discussão e reflexão sobre temas fundamentais da filosofia, de modo a promover o pensamento crítico e estimular o diálogo entre estudantes, docentes e interessados em temáticas filosóficas contemporâneas. Por explorar questões complexas e relevantes, os encontros requerem um diálogo com diferentes áreas do conhecimento filosófico e científico.

foco de nosso estudo[2] recairá sobre a interação dos sujeitos universitários com os objetos do conhecimento, frente às possibilidades trazidas pelas ferramentas de geração de textos. Nessa medida, objetivamos examinar possíveis repercussões de usos da ferramenta *ChatGPT*[3] no processo de formação acadêmica e profissional, e refletir sobre as implicações dos recursos de geração de textos, a partir de demandas específicas, na constituição autoral do sujeito universitário.

Para sustentar o exame a ser desenvolvido, convocamos estudos de perspectiva enunciativa que concebem as práticas discursivas em interação, ou seja, sob uma ótica discursiva marcada pela alteridade, pelo dialogismo e pela responsividade (VOLÓCHINOV, 2013, 2017; BAKHTIN, 2011, 2017). A fim de examinar as práticas enunciativas e autorais dos sujeitos no diálogo entre linguagem e discurso, buscamos também estabelecer uma interface entre o quadro discursivo dialógico e as contribuições de pesquisadores alinhados à Análise do Discurso (AD), na França (FOUCAULT, 1996, 1997, 2001), e no Brasil (ORLANDI, 2012, 2015, 2020; POSSENTI, 2002).

De modo a empreender o que objetivamos, este texto assim se organizará: após esta introdução, que contextualiza e problematiza nossas reflexões a respeito dos impactos das ferramentas de geração de textos sobre a constituição do sujeito acadêmico, serão expostas as bases epistemológicas e metodológicas que norteiam nossos investimentos de pesquisa acerca das relações entre linguagem, discurso, sujeito e autoria. Ainda na segunda seção, será desenvolvida uma exposição sobre o advento do sujeito computacional e suas linguagens. Finalmente, procederemos ao exame de um texto produzido pelo *ChatGPT*, a fim de analisar aspectos ligados à discursividade (a produção de "verdade") e à textualidade da produção dessa ferramenta de Inteligência Artificial. Nas conclusões, serão apresentadas algumas considerações acerca do diálogo multidisciplinar exigido quando se pretende examinar os impactos da IA sobre a atividade do sujeito acadêmico e sobre o processo de constituição de autoria do futuro profissional.

[2] *Filosofia e novas linguagens*: o *ChatGPT* numa perspectiva filosófico-discursiva foi o tema exposto e debatido pelos autores, no encontro de abril de 2023, no projeto "Diálogos pertinentes" (PUC Minas).

[3] O *ChatGPT* (*chat generative pre-trained transformer* – em português, transformador pré-treinado de gerador de conversas) é um assistente virtual inteligente no formato *chatbot online* com inteligência artificial desenvolvido pela OpenAI, especializado em diálogo, e lançado em novembro de 2022 (SAIBA..., 2023).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – VOZES DA FILOSOFIA E DOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

No contexto universitário, um dos desafios para quem se ocupa da formação de bacharéis e licenciados é a projeção de atividades que possibilitem o desenvolvimento do futuro profissional. As práticas discursivas, materializadas em diferentes gêneros do discurso acadêmico – resumo, resenha, resenha temática, ensaio, artigo de opinião, artigo científico, projeto de pesquisa, relatório de pesquisa, monografia de conclusão de curso, entre outros, permitem apreender os processos de constituição do sujeito, seja pelas habilidades que o acadêmico mobiliza acerca de determinados objetos e conhecimentos do campo formativo, seja pela capacidade que demonstra para agir, por meio da linguagem, de modo autoral e autônomo.

Sendo a produção escrita uma atividade propriamente humana, propomos estabelecer uma interface entre quadros teóricos oriundos da Filosofia, da Filosofia da Linguagem e dos estudos linguísticos sob a ótica da Análise Dialógica do Discurso e da Análise de Discurso inspirada nos estudos de vertente francesa. O que essas abordagens têm em comum? Voltam-se para o estudo da constituição humana nas suas relações com a linguagem, a atividade racional – a produção de pensamento filosófico –, a ideologia e a sociedade, isto é, com outros indivíduos social e culturalmente situados. Preliminarmente, gostaríamos de aclarar os conceitos de linguagem, texto e sujeito que subsidiam nossas pesquisas e nossas reflexões, neste artigo.

2.1 LINGUAGEM, SUJEITO E SOCIEDADE – RELAÇÕES DISCURSIVAS E DIALÓGICAS

Sabemos que a linguagem é constitutiva da ação humana e construída ao longo da história dos povos a partir de suas necessidades, trocas e interações. Sob essa ótica, o homem é um ser social, que age sobretudo por meio da atividade simbólica, movido pelos signos. “As propriedades específicas das condutas humanas são o resultado de um processo histórico de socialização, possibilitado especialmente pela emergência e pelo desenvolvimento dos instrumentos semióticos.” (BRONCKART, 1999, p. 21). Essa atividade simbólica possui, segundo Vigotski (2003, p. 32-33), “uma função *organizadora* específica que invade o processo do uso de instrumento e produz formas fundamentalmente novas de comportamento.” A mediação pela atividade sígnica caracteriza a relação do homem com o mundo e com os outros homens. Sendo o homem um ser histórico-social, seu desenvolvimento é moldado pela própria cultura que ele cria, determinado pelas interações sociais perpassadas pela linguagem. Assim, a

linguagem tem um papel essencial nas ações dos sujeitos que resultam da experiência linguageira, da interiorização da cultura e das interações sociais.

Essa visão de desenvolvimento humano compreendida a partir da interconexão entre linguagem, cultura e sociedade dialoga com os estudos de viés histórico-discursivo de sujeito e de ordem social, em que se inscrevem os signos, os textos (VOLÓCHINOV, 2013, 2017; BAKHTIN, 2011, 2017). Para esses estudiosos da chamada Análise Dialógica do Discurso (ADD)[4], o exame das interações sociais possibilitadas pelos signos deve necessariamente levar em consideração as condições materiais de produção, isto é, "os signos e sua situação social estão fundidos de modo inseparável" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 135).

Levando em conta essa dinâmica social e interacional, os enunciados, os textos, podem revelar ou refratar posicionamentos axiológicos dos sujeitos enunciadores, seja no nível da forma composicional, pela adoção do gênero de discurso, seja no nível estilístico, pela seleção dos elementos lexicais e das estruturas sintáticas. Para Bakhtin (2011, p. 289), "a relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado". Nesse espaço determinado por múltiplas condições, o texto é concebido como a materialidade da atividade discursiva do sujeito. Marcado pela heterogeneidade (ORLANDI, 2015, 2020) dos modos de posicionamentos do sujeito autor e pelos fios ideológicos que os engendram, o texto só pode ser definido na relação com as condições enunciativas.

Segundo Orlandi (2015, p. 13), a "Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social". Essa mediação é possibilitada pelo discurso, lugar em que se podem apreender as relações entre sujeito, ideologia e sociedade. Como unidade de análise do analista de discurso, "o texto é lugar de jogo de sentidos, de trabalho da linguagem, de funcionamento da discursividade" (ORLANDI, 2015, p. 70). Nos textos encontram-se os vestígios da historicidade dos discursos, dos dizeres que os atravessam, possibilitando múltiplos sentidos.

Se, sob o prisma filosófico e sócio-histórico a que nos alinhamos, a linguagem e os enunciados, os textos, são constitutivos do processo de desenvolvimento dos indivíduos, a noção de sujeito também será balizada pelas circunstâncias da atividade interacional. Nesses termos, compreendemos sujeito como aquele que, ao enunciar, responde, reage e se posiciona, ainda que submetido a injunções da atividade determinada pelas condições materiais de produção.

[4] Termo cunhado por Beth Brait (2006) para tratar das contribuições teóricas dos integrantes desse grupo, construídas na transversalidade entre a filosofia, a ética e a estética.

Os estudos do Círculo Bakhtiniano assinalam que a língua(gem) se constrói por meio de um processo de interação social, em que o sujeito se dirige para um auditório social e apreende a enunciação de outrem, posicionando-se como um ser ativo que oferta contrapalavras e opera com o discurso oriundo do exterior. Por essa razão, o falante/escrevente compreende, apreende e aprecia essa enunciação de maneira mediatizada.

Bakhtin (2011, p. 297) salienta que

> Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo. [...] É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva.

Como todo discurso é dialógico, o sujeito se constitui na relação com o outro, relação que se realiza por meio da linguagem (que é dialógica por natureza). Somente no discurso encontra-se a possibilidade de se constituir sujeito, de se instaurar como um *ser de discurso*. Essa noção de sujeito que se constrói na alteridade e na responsividade próprias do(s) lugar(es) que ocupa na esfera social dialoga com o conceito de sujeito cunhado pela análise do discurso de linha francesa.

De acordo com Foucault (1996, p. 47), sujeito é instância fundadora do discurso, "funda horizontes de significações"; uma das ordens reguladoras do discurso, mas não se atém ao indivíduo que fala ou escreve, nem é fonte geradora de significação[5]. Para o filósofo, o sujeito pode assumir diferentes posições em suas práticas discursivas, o que caracteriza sua dispersão. Ao negar a unicidade do sujeito e inscrevê-lo no âmbito da linguagem, Foucault (1996) opõe-se à ideia de uma subjetividade produtora de verdades universais, uma vez que a contradição é inerente ao discurso.

O discurso deixa de ser a manifestação majestosamente desenvolvida de um sujeito pensante para se constituir em um espaço de exterioridade no qual o sujeito pode ocupar muitos lugares em uma determinada ordem do discurso. Essas diversas posições que o sujeito pode assumir em várias práticas discursivas se relacionam a uma formação discursiva:

> No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de

[5] No campo da filosofia foucaultiana o sujeito é historicamente construído em práticas discursivas, ou seja, o sujeito tem uma história, uma formação e está imerso em relações de poder que são sempre de ordem sócio-histórica (REVEL, 2011).

> enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva [...] (FOUCAULT, 1997, p. 43).

Uma formação discursiva, na perspectiva foucaultiana, engloba uma série de enunciados que respondem similarmente às regras de sua formação e organização. Conforme preconiza o autor, eles podem estar submetidos a elementos que apontam para suas condições de existência (de coexistência e conservação, de modificação e desaparecimento) que se encaixam em alguns domínios de distribuição: modalidades de enunciação, conceitos, escolhas temáticas de objetos.

Se, do ponto de vista enunciativo e discursivo, o sujeito é abalizado pela própria atividade de interação, portanto determinado pelas circunstâncias do ato enunciativo marcado pela diversidade e multiplicidade emanadas da relação com o outro, como falar de sujeito (e de discurso), quando se trata de linguagem computacional? Na subseção a seguir, tentaremos formular as bases em que nos sustentamos para desenvolver as análises pretendidas.

2.2 O SURGIMENTO DO SUJEITO COMPUTACIONAL E SUAS LINGUAGENS

A noção de subjetividade deve ser definida como resultado de vários percursos históricos ocorridos na História do Pensamento Ocidental e em diversos campos do saber científico: Filosofia, Linguagem e, singularmente, na Linguística Computacional, para evidenciar que existem vários sistemas maquínicos que recaem sobre a produção de enunciados, imagens, pensamentos e afetos na contemporaneidade, conforme salienta Parente (1999), quando discute a respeito da produção e do agenciamento maquínicos da e na subjetividade, ou seja, do surgimento de um sujeito computacional e suas linguagens.

O autor explicita que, já no início do novo século XXI, vivenciamos uma crise concernente às transformações das formas de produção de subjetividades, e que a tecnologia informacional está atravessando e influenciando a produção de uma prática discursiva que pode suscitar um novo modo de enunciar ligado a uma importante estrutura que, nos momentos fundantes da Filosofia Moderna, deixaram de se articular a partir da homogeneização-territorialização, para vincular-se à heterogeneização-desterritorialização, engendrando, de modo singular, posições e representações discursivas que criam uma identidade maquínica (re)programável e, ainda, apoiada no processamento automático linguístico-computacional sob a formatação de Inteligência Artificial.

Passadas duas décadas deste século, Freitas (2022) argumenta que há um processamento de linguagem natural, denominado de Linguística Computacional, que vem revestida pela

interseção de várias áreas e diversos campos de saber. Para essa autora, a chamada Linguística Computacional tem seu início em 1962 e evoca um trabalho de cientistas que se empenham para aplicar a linguagem humana à linguagem do computador. Descrevendo a atividade linguística dessa área, Freitas menciona a expertise dessa prática linguageira para a resolução de problemas que se relacionam e envolvem a linguagem como um todo, amparada pelos fatos da língua(gem) dentro de um processamento natural de modelo linguístico.

O processamento natural da língua(gem) é organizado para ser empregado na utilização de informações e experiências remotas baseadas em dados linguísticos com fins de melhor desenvolver previsões concatenadas à resolução de tarefas humanas complexas, como escrever um texto em redes neurais artificiais. Freitas (2022) explica que a criação da chamada IA se estabelece como o protótipo de uma máquina do aprender dentro da Linguagem Computacional.

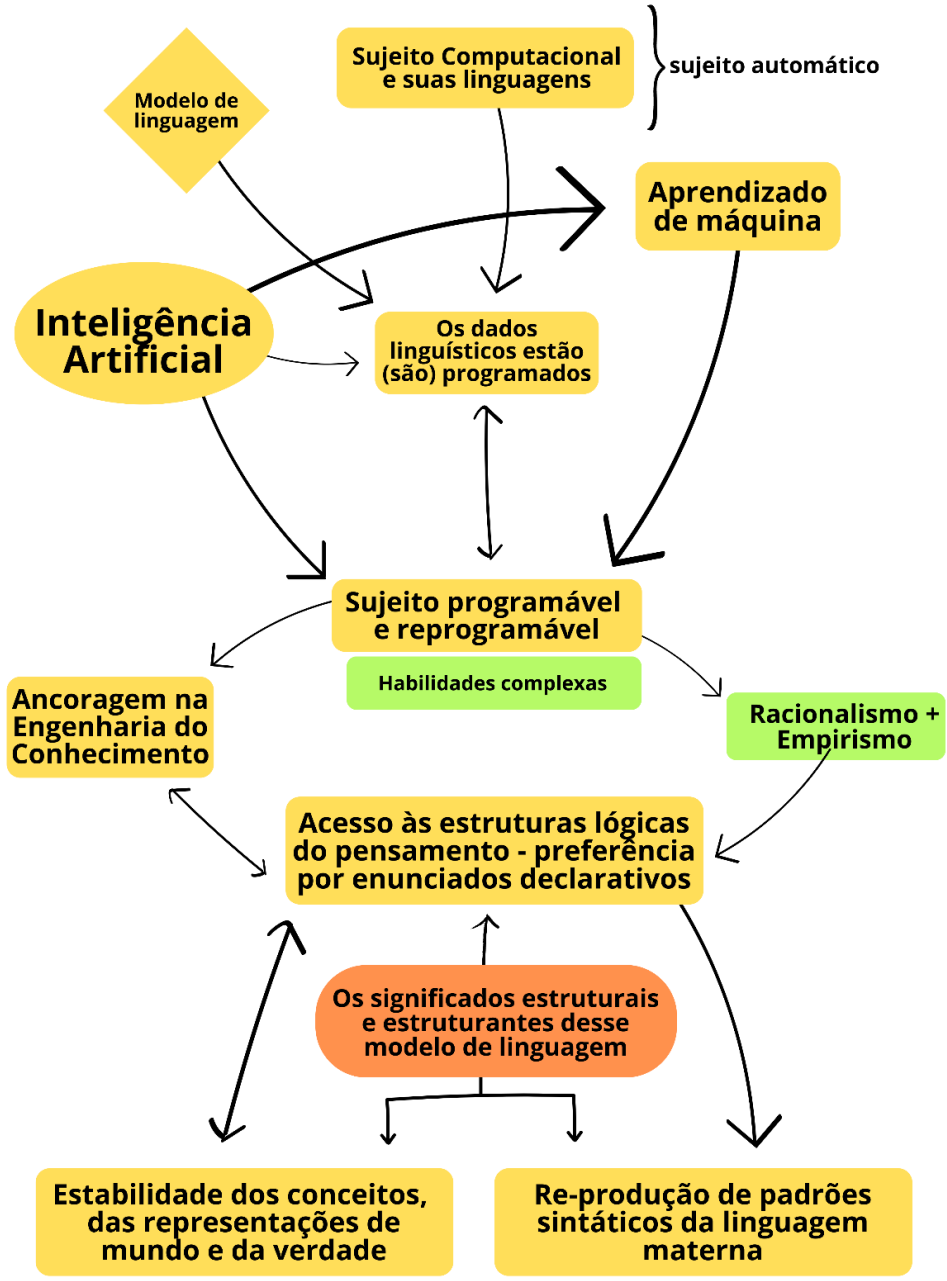
De acordo com a pesquisadora, há um agenciamento dessa organização maquínica inteligente, relacionado ao desenvolvimento de uma linguagem computacional capaz de estabelecer uma relação direta entre dados, execução de tarefas, previsões combinadas dentro do modelo de aprendizagem e linguagem (FREITAS, 2022). O exemplo disso foi a criação de um robô, *o chatbot Tay*, construído pela Microsoft, em 2016, para conversar com jovens no *Twitter*. Mesmo tendo durado apenas 24 horas no ar, essa máquina manifestou-se de forma racista, sexista e xenófoba, construindo e replicando *tweets* com enunciados contra os judeus e em apoio a Hitler. Como relata a autora, isso aconteceu depois de *Tay* ter realizado um aprendizado de conversar nas redes sociais e ser exposto a muitos dados reais.

A Inteligência Artificial (IA) é organizada sob os enquadres do racionalismo e do empirismo, conforme destaca Freitas (2022), ao argumentar sobre a relação entre a produção de dados e o fundamento computacional que cria a engenharia do conhecimento, ancorada atualmente na inclusão manual de competência informacional nos sistemas (substituição do pensamento inato). Nessa medida, observa-se que a base racionalista se sofistica e permanece. O mesmo ocorre no domínio dos mecanismos probabilísticos gerais ligados à associação, ao reconhecimento de padrões de generalização de base empirista, porque a IA é desenhada por algoritmos que permitem aos computadores a execução de tarefas com automatismo sem ter sido programado para isso, e assim desenvolver as tarefas apenas com dados fornecidos.

Criamos um esquema que nos permite mostrar elementos significativos do, designado por nós, *Sujeito Computacional e suas linguagens***,** que se configura a partir de um modelo de linguagem chamado de IA. Trata-se de um sujeito embasado em programação e reprogramação de dados de língua(gem) ancorados nas concepções filosófico-linguísticas do racionalismo e do

empirismo modernos, mas que não deixa de lado o legado grego de estabelecer a dimensão declarativa do enunciado lógico-formal e, de modo automático, desempenhar habilidades complexas para, a partir do gerenciamento de padrões sintáticos de uma língua materna, dar estabilidade e viabilidade a conceitos e representações de mundo e de verdade.

ESQUEMA – SUJEITO COMPUTACIONAL E SUAS LINGUAGENS



Fonte: elaborado pelos autores

O sujeito computacional, construído a partir das informações programadas pelos engenheiros de *softwares*, alimentado pela interface sujeito-máquina e comandado por agentes conversacionais interconectados ao processamento automático das línguas, gera uma identidade tecno-fantástica que reedita um certo "avatar" de um homem-máquina sonhado já na Modernidade.

O sonho da produção de um protótipo de um sujeito autonômico foi projetado quando os filósofos e estudiosos do conhecimento como Copérnico, Galileu, Newton, Bacon e Da Vinci inauguraram um novo modo de se posicionar na sociedade moderna, instaurando a autonomia do pensar e raciocinar sob o ícone de um sistema maquínico. Essa autonomia pode ser percebida nas representações configuradas por seus desenhos matemático-arquitetônicos que mais tarde conceberiam uma nova forma para o sujeito significar a realidade, do ponto de vista da epistemologia, da gnoseologia e da antropologia renascentista, ou seja, a retratação de uma nova identidade para o homem ocidental. Essa projeção de um sujeito pensante independente se propagou para nossa época, possibilitando a construção de um tipo de sujeito-máquina: o robô-*sapiens* ou o sujeito computacional.

Giddens (2002) assinala que, em toda construção filosófica, sociológica, psicológica, linguística e tecnológica presentes na Modernidade, as manifestações do sujeito, bem como suas produções de identidade, giram e se organizam em torno da autoidentidade:

> [...] a autoidentidade se torna um empreendimento reflexivamente organizado. O projeto reflexivo do eu, que consiste em manter narrativas biográficas coerentes, embora continuamente revisadas, tem lugar no contexto de múltipla escolha filtrada por sistemas abstratos. (GIDDENS, 2002, p. 12).

Essa reflexividade do *eu* requisitada pela Modernidade busca nos grandes sistemas filosóficos sua concepção de subjetividade e identidade, amparada na racionalidade e nos contornos do empirismo como um dos efeitos fundantes do homem-sujeito e das suas interações com o mundo, a sociedade e o outro, o que resulta em interferências também no campo da linguagem e na produção tecnológica, o que se reflete hoje, na contemporaneidade, como mostramos no esquema anterior.

Nas atividades desenvolvidas com a ferramenta de Inteligência Artificial, nota-se a preferência pela estabilidade demonstrada pela representatividade e esquematização de vetores, com palavras contextuais que sistematizam uma determinada hierarquização do conhecimento e suas linguagens, como explica Freitas (2022). A autora esclarece que as relações entre classes morfológicas e suas instâncias, sustentadas pelas redes taxionômicas de

inclusão ontológicas[6] se estabeleceram na linguagem computacional, entre as décadas de 80 e 90 do século passado, e ainda continuam bastante ativas. Há nessa operação computacional rastros de um sujeito homogêneo, automático, que nos remete às duas linhas de pensamento filosófico-linguístico predominantes, em fins do século XIX, o Subjetivismo Idealista e o Objetivismo Abstrato, discutidas de forma arguta por Volóchinov (2017)[7].

Reagindo às visões de língua propostas por essas duas vertentes do conhecimento – língua "como produto pronto", sujeita a mudanças decorrentes de *atos discursivos individuais* e língua como "**sistema estável**, imutável de formas linguísticas" –, cujo uso está desvinculado das contingências de ordem sócio-histórica ou ideológica, Volóchinov (2017, p. 148, grifos do autor) propõe um método sociológico para tratar dos fenômenos linguísticos. Empreendendo uma síntese dialética, o autor formula que "a língua vive e se forma historicamente justo aqui, na comunicação discursiva concreta, e não no sistema abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes" (p. 220).

Essa concepção de língua, marcada pela dinamicidade, mutabilidade e heterogeneidade, dialoga com alguns conceitos de autoria delineados por estudiosos da AD. Para Orlandi (2015, p. 73-74), "a assunção da autoria implica uma inserção do sujeito na cultura, uma posição dele no contexto histórico-social" e, como o sujeito ocupa muitos lugares e posições no discurso, autoria "é função discursiva"; sob a ótica foucaultiana, a autora salienta que a autoria está "submetida às regras das instituições" (p. 74). Como cada instituição se subordina a certas normas (ou "verdades"), "as marcas de autoria são da ordem do discurso, não do texto ou da gramática" (POSSENTI, 2002, p. 111).

Se a autoria está intrinsecamente ligada a um sujeito – sócio-histórico – que se constrói nas relações de alteridade e responsividade, capaz de produzir enunciados que, por sua vez, são marcados pela heterogeneidade e pela multivocalidade, como examinar os textos produzidos por um robô, a exemplo do *ChatGPT*? Que parâmetros podemos estabelecer para uma análise de textos produzidos pela Inteligência Artificial? É possível falar de autoria? E de sujeito autor?

Tomando a esfera acadêmica e seus discursos, como flagrar o desenvolvimento do sujeito pela mediação das práticas linguageiras, se o movimento a ser apreendido corre o risco

[6] Freitas (2022, p. 21) descreve alguns exemplos do chamado PLN, processamento de linguagem natural em linguística computacional, elencando: anotadores de POS – ferramenta que atribui classes morfológicas às palavras; anotador sintático – ferramenta que atribui categorias sintáticas às palavras; anotador de entidades – ferramenta que identifica e classifica entidades como local, organização e pessoa, entre outros.

[7] A respeito dessa discussão, recomendamos ao leitor os capítulos integrantes da Parte II de *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.

de se restringir à reprodução de enunciados recebidos prontos por meio de uma "ferramenta de inteligência artificial que usa processamento de linguagem natural para gerar respostas a partir de suas perguntas" (SAIBA, 2023). Para refletir sobre essas e outras questões, na seção seguinte, trataremos das condições de emergência e circulação dos textos na esfera universitária bem como dos possíveis impactos de tecnologias como o *ChatGPT* sobre a produção textual dos estudantes e constituição de autoria.

3 ESCRITA E FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL EM TEMPOS DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

A formação de leitores e escreventes na esfera acadêmica sempre se mostrou desafiadora, especialmente, quando se pensa na constituição ética e cidadã do futuro profissional. No campo dos estudos da linguagem, muitos estudiosos, em seus núcleos e grupos de pesquisa, vêm investindo em pesquisas aplicadas e/ou empíricas sobre as práticas discursivas na universidade[8], pois reconhecem que "a entrada na esfera das atividades acadêmicas solicita novos modos de interação, outras formas de estabelecer diálogo e, sobretudo, de posicionar-se diante dos modos de pensar do outro" (SILVA; LOPES, 2020, p. 18).

Cumpre ressaltar que a identidade acadêmica e profissional se constitui frente a uma diversidade de experiências singulares e coletivas dos estudantes, em práticas cotidianas em interação não somente com seus pares e professores, mas com culturas profissionais e científicas, em contextos histórico-sociais e geopolíticos. A interação com os objetos do conhecimento da área pressupõe um conjunto de ações por parte do sujeito acadêmico, especialmente quando se trata de atender às demandas de estudo e pesquisa, no âmbito de cada disciplina.

Para responder a essas demandas, algumas ações do sujeito podem ser flagradas, a depender do tema e dos objetivos da atividade proposta. Em geral, observa-se um processo que implica, entre outras ações, a projeção de um roteiro, com o planejamento dos passos, de modo a atender ao que foi solicitado. A partir de questões orientadoras ou de problematização (estudo de caso, situação-problema ou outro) acerca de dado fenômeno, será necessário fazer o levantamento das fontes e, com base em leituras preliminares, eleger alguns autores e obras. A maneira como cada acadêmico trilha esse percurso irá depender de

[8] Para o aprofundamento de questões sobre o tema, indicamos a leitura dos quatro volumes da *Coleção Práticas discursivas em letramento acadêmico*: questões em estudo, editados pela Editora PUC Minas e pelo Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas (CESPUC).

sua experiência com as formas de fazer pesquisa desde suas primeiras vivências escolares: elaborar um fichamento da obra/do texto lido, produzir um resumo com as ideias-chave, construir um esquema ou sumário com os tópicos nucleares e acessórios, são alguns dos procedimentos mais usuais.[9]

O processo de escolha do gênero de discurso mais adequado para realizar a ação de linguagem (BRONCKART, 2006) nem sempre é vivido com tranquilidade pelo universitário. Em pesquisa realizada por Assis (2015, p. 424), os dados revelaram que os estudantes procuram construir seus textos "a partir de parâmetros linguísticos, textuais e discursivos validados pela comunidade científica". Muitas vezes, o gênero já vem previsto nas orientações dadas, por exemplo, quando se trata de avaliar a transversalidade dos conhecimentos dos estudantes: *produza uma resenha temática que articule autores e/ ou escolas que trataram o tema X*.

Em conformidade com o objetivo deste texto, de modo a avaliar possíveis efeitos das leituras empreendidas pelos acadêmicos no ambiente virtual sobre o próprio processo de autoria, tomamos como objeto de análise o levantamento bibliográfico ou de referências, uma ação importante na construção da pesquisa acadêmico-científica, cujo objetivo se faz essencial para a constituição e organização de um projeto de pesquisa, seja de iniciação científica, monografia de conclusão de curso, produção de resenha, de resenha crítica e construção de artigo científico.

O levantamento bibliográfico ou de referências consiste no processo de identificar, em bases de dados organizados, publicações a respeito de um determinado assunto e/ou autor para que se estabeleça a sustentação teórica de um trabalho de pesquisa. Assim o pesquisador deve responder, em sua busca por referências, a questões referentes a: "Quem já escreveu e o que já foi publicado sobre o assunto? Que aspectos já foram abordados? Quais as lacunas existentes na literatura? Pode ser na revisão teórica, empírica ou histórica." (COSTA; COSTA, 2015, p. 34).

Para exemplificar essa ação de levantamento de referências, propusemos um enunciado para começarmos o relacionamento inicial com a ferramenta *ChatGPT* que se encontra no quadro a seguir.

[9] Nossa experiência com práticas de leitura para pesquisa e estudo, no domínio universitário, nos revela uma gama de novas possibilidades, com o uso de celulares/*smartphones* e *notebooks*: fotografar as páginas, traduzir os trechos a partir de *softwares*, elaborar mapas mentais, ler artigos no sistema *voice*.

ENUNCIADO DE RELACIONAMENTO INICIAL COM A FERRAMENTA *CHATGPT*
E01[10]: "Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?" Comente e busque o autor desses enunciados e da obra.

Fonte: elaborado pelos autores a partir de http: https://chat.openai.com

O enunciado (E01), porta de entrada para a pesquisa no *ChatGpt*, pode desvelar uma formação discursiva[11] que trata a IA como um campo de verdade ideal representante de uma lei do discurso que se apresenta com uma racionalidade imanente – princípio do conhecimento–, tal qual formula Foucault (1996), pois pode expressar um atravessamento de desejo do poder-saber constituindo-se em uma "verdade".

Essa expressão de verdade entremeada na maneira de enunciar pode ser detectada a partir da pista linguístico-discursiva manifesta no emprego dos verbos no imperativo (comente, busque), desvelando por parte daquele que enuncia uma atitude deôntica de um enunciador investido de autoridade para ordenar/orientar uma ação a ser efetivada pela ferramenta. Ao mesmo tempo, o enunciado dirigido à "máquina inteligente" outorga a ela um poder para realizar a descoberta e/ou o desvendamento de algo des-conhecido referentemente à obra e à autoria dos excertos citados.

Essa investidura de poder, ainda que imaginária, pode indicar a retomada de um elemento potente da tradição ocidental: a crença que se deposita em certo lugar decifrador do conhecimento e do poder-saber, projetada no *ChatGPT*.

Esse lugar oracular é transformado em fonte de discurso cuja função é executar um determinado *script* muito próximo ao papel positivo da instalação formal do autor, conforme afirma Foucault (1996) em relação a um princípio de inversão da ordem do discurso no que toca à filosofia do sujeito fundante da sabedoria que, no caso de E01, é: *dê-me o nome e a obra de quem produziu esses enunciados*. Assim o *ChatGPT* é elevado a uma certa categoria de *sabedor*, *conhecedor*, ou seja, passa a figurar como um banco de dados com informações de autores produtores do conhecimento acadêmico-científico reconhecidos pela comunidade científica mundial.

[10] Essas iniciais E 01 se referem a E – enunciado e 01 – ordem numérica. Trata-se de um enunciado produzido por um leitor pesquisador, um sujeito empírico, que elaborou a pergunta e a ordem para que a IA pudesse realizar suas buscas de dados. Na Análise do Discurso não se prioriza o lugar do sujeito empírico, mas subentende-se que, ao ler e escrever, o sujeito, assumindo sua posição de simbolizar, realiza um trabalho com e na língua(gem), revelando seu lugar social nas práticas discursivas relacionadas às práticas de pesquisa.

[11] Recomendamos a leitura desse conceito em Foucault (1996).

Passemos agora à análise do enunciado resposta fornecido pelo *ChatGPT*, inserido no quadro a seguir:

ENUNCIADO RESPOSTA DA FERRAMENTA *CHATGPT* – modelo de previsibilidade
ER[12]**:** Esses enunciados parecem ser uma referência ao livro "O Discurso da Servidão Voluntária", escrito pelo filósofo francês Ettiénne de La Boétie, no século XVI. Em sua obra, La Boétie argumenta que o poder dos governantes sobre o povo depende da "servidão voluntária" das pessoas, ou seja, da aceitação passiva das regras e dos discursos impostos pelos líderes. Ele questiona por que as pessoas obedecem a um governo tirânico e defende que o poder só existe porque os governados aceitam passivamente as normas e as leis que lhes são impostas. Com relação ao trecho específico, acredito que a pergunta sobre o perigo da proliferação indefinida dos discursos possa estar relacionada ao fato de que, em um contexto em que todos falam e emitem opiniões sem reflexão, pode haver um enfraquecimento da capacidade crítica das pessoas e um aumento da confusão e da desinformação. A facilidade de acesso a informações na era digital pode, paradoxalmente, levar a uma sobrecarga de informações e a uma dificuldade de separar o que é verdadeiro do que é falso. Assim, o perigo pode estar na possibilidade de um enfraquecimento da capacidade crítica das pessoas e da confusão e desinformação geradas pela proliferação indefinida dos discursos. No entanto, vale lembrar que essas são apenas algumas possibilidades de interpretação, e que o texto completo de La Boétie pode trazer outras reflexões sobre o assunto. Obs.: Como modelo de linguagem, minha intenção é sempre fornecer informações corretas e úteis para os usuários. No entanto, como um modelo de inteligência artificial, minha capacidade de compreender e interpretar as nuances e contexto das perguntas pode ser limitada em alguns casos.

Fonte: elaborado pelos autores, a partir de http: https://chat.openai.com/?

No enunciado resposta (ER), é possível flagrar um movimento que, sob a perspectiva foucaultiana, pode ser compreendido como um deslocamento da verdade de um ato ritualizado (responder a uma pergunta) para a formulação de um enunciado que vai se tornar referência para o leitor que empreendeu sua busca a respeito da citação (“Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?”).

Esse movimento inicial de atribuição de autoria a Ettiénne de La Boétie, filósofo francês do século XVI, para a citação em pauta que tematiza o perigo da proliferação dos discursos, instaura uma vontade e um desejo de construção de uma verdade que não se alinha

[12] Diferentemente das iniciais E01, as iniciais ER representam apenas uma resposta dada por um sistema maquínico, o que não se configura como uma prática discursiva de produção textual socialmente situada, como pressupõem os estudos de viés interacionista e discursivo-dialógico.

ao processo de produção de conhecimento baseado nas interações relacionadas com práticas sociais de leitura e de pesquisa comumente instituídas na esfera universitária. Dessa forma, esse dispositivo de pesquisa ganha um estatuto de um discurso cujo sujeito enunciador é capaz de predizer e informar, assumindo, assim, particularidades de um sujeito do saber com marcas identitárias de sujeito do conhecimento.

Nesse processo, cabe examinar no enunciado-resposta o agenciamento de mecanismos linguísticos que apontam para o engajamento enunciativo do sujeito e, portanto, repercutem sobre a argumentatividade do texto, particularmente, sobre a coerência pragmática do discurso. Uma estratégia que chama a atenção do analista é o uso reiterado, no enunciado, de modalizações de natureza lógica (aléticas e epistêmicas), como alguns verbos que sinalizam para "as condições de verdade das proposições" (BRONCKART, 1999, p. 330), a exemplo de "parecem", "possa", "pode". Estes dois últimos, na função de verbo auxiliar ("possa estar", "pode haver"), ocorrem seis (6) vezes no texto. Além desses modalizadores, observa-se também o uso do sintagma nominal "possibilidade", modalizador epistêmico que sinaliza para o modo como o conteúdo proposicional deve ser interpretado. A reiteração da utilização desses modalizadores parece constituir-se como uma manobra sintática que isenta o enunciador frente ao próprio dito, uma espécie de não comprometimento com o conteúdo proposicional do enunciado. Trata-se de uma estratégia menos usual em gêneros de natureza enciclopédica que, em geral, se apresentam como portadores de dados absolutos, um tipo de *dataset* – incorporação do conhecimento linguístico de máquina, isto é, o chamado lugar de respostas por captação e cruzamento de dados – corpus padrão ouro (FREITAS, 2022).

Uma pista da subjetividade assumida no texto-resposta do *ChatGPT* pode ser flagrada no uso do verbo acreditar, na primeira pessoa do singular (Com relação ao trecho específico, [eu] *acredito* que) e do pronome de 1ª pessoa (Como modelo de linguagem, *minha* intenção), denotando pessoalidade desse autor transumano,[13] em passar e repassar as informações que foram inquiridas pelo leitor no E01, o que revela uma vontade de verdade calcada na subjetividade do enunciador[14]. A forma verbal "acredito" também aponta para uma atitude

[13] Em geral, pode-se falar de "um movimento cultural e filosófico que visa aplicar novas tecnologias ao ser humano para melhorá-lo do ponto de vista físico, espiritual, moral e até emocional". A partir desse ponto inicial, os mais radicais almejam "conseguir um ser humano muito melhorado, que já não pertença à nossa própria espécie" (DIÉGUEZ, 2019).

[14] Optamos por não colocar aspas na produção da resposta por considerarmos que uma ferramenta de IA, sob nossa perspectiva teórico-metodológica, não é dotada de subjetividade discursiva como os seres humanos que produzem, tal qual Cassirer (1994) denomina: o homem como animal simbólico.

enunciativa que implica possibilidade epistêmica, uma vez que manifesta crença, mas não se compromete com o conteúdo da proposição.

Além do aparecimento da marca de subjetividade, nessa passagem do enunciado, o *ChatGPT* emite uma posição de saber bem diferente do que o autor do texto-fonte preconiza e que está relacionado ao controle do discurso pela sociedade ocidental: "[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, [...]" (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

Observe-se que, ao responder à pergunta feita, o *ChatGPT* remete a enunciados constantes na obra *O discurso da servidão voluntária*, escrita pelo filósofo francês Ettiénne de La Boétie. Essa estratégia textual e discursiva agenciada pela ferramenta tecnológica aponta para um movimento responsivo que busca validar a informação dada, que incide no próprio enunciado, demonstrando seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação e a sua referência para uma obra e um autor. No entanto, nesse simulacro de atribuição de autoria, ocorre o apagamento do verdadeiro texto-fonte: *A ordem do discurso*, escrita pelo filósofo francês, Michel Foucault, no século XX.

Nesse enunciado produzido pela ferramenta de AI, revela-se – ou refrata-se – (VOLÓCHINOV, 2011) uma vontade de verdade (característica da produção de um sujeito computacional) que se encontra muito mais naquilo que somos e dizemos, ou seja, em um nível de subjetividade e, por isso não fica circunscrito na ordem da identidade e da universalidade de um texto/discurso que tem um valor legítimo e/ou autoral reconhecido na esfera do discurso científico.

No encaminhamento da finalização do enunciado, a ferramenta de IA lança mão de um expediente comum a certos gêneros de discurso: a inserção de uma observação (Obs.) em que se assume como "modelo de linguagem" movido por uma intencionalidade (Como modelo de linguagem, minha *intenção* é sempre fornecer informações corretas e úteis para os usuários. [...]), utilizando, como examinado anteriormente, índices de pessoalidade.

Em síntese, a produção de crença de verdade atribuída ao *ChatGPT* introduz esse modelo de linguagem elaborado por *Big Techs*[15], representantes de parcelas da sociedade contemporânea disseminadoras de vontades de verdades, em uma prática discursivo-midiática singular ancorada no transumanismo (robô *sapiens*), que pode causar no leitor pesquisador

[15] O nome dado às grandes empresas que controlam e produzem tecnologia e inovação no mercado digital (TUDO, c2023).

(iniciante) uma credibilidade enunciada por uma sintaxe similar à de gêneros do discurso acadêmico-científico.

Treinada a partir de grandes quantidades de modelos de textos, a ferramenta recupera padrões sintáticos, reproduzindo modelos oracionais que acabam por imprimir uma homogeneização ao texto, como se observa nos sintagmas (grifados e marcados com asteriscos * e **), no excerto a seguir:

EXCERTO RETIRADO DO ENUNCIADO RESPOSTA DO *CHATGPT*
Com relação ao trecho específico, acredito que a pergunta sobre o perigo da proliferação indefinida dos discursos* possa estar relacionada ao fato de que, em um contexto em que todos falam e emitem opiniões sem reflexão, pode haver um enfraquecimento da capacidade crítica das pessoas e um aumento da confusão e da desinformação**. A facilidade de acesso a informações na era digital pode, paradoxalmente, levar a uma sobrecarga de informações e a uma dificuldade de separar o que é verdadeiro do que é falso. Assim, o perigo pode estar na possibilidade de um enfraquecimento da capacidade crítica das pessoas e da confusão e desinformação** geradas pela proliferação indefinida dos discursos*. No entanto, vale lembrar que essas são apenas algumas possibilidades de interpretação, e que o texto completo de La Boétie pode trazer outras reflexões sobre o assunto.

Fonte: elaborado pelos autores a partir de http: https://chat.openai.com/?

A partir de uma leitura atenta é possível desconstruir uma representação de texto e de textualidade erigida a partir de mecanismos linguísticos responsáveis em assegurar a articulação do texto, com base em segmentos infraordenados. O exame da textualidade do enunciado resposta não resiste a um olhar mais apurado dos esquemas sintáticos ativados pela ferramenta de IA, conforme se mostra nos trechos sublinhados e assinalados por asteriscos, no excerto. Mesmo um leitor recém-chegado ao campo das práticas discursivas na universidade e, possivelmente, menos experiente para lidar com os discursos da nova ordem discursiva (a universidade), poderá ser levado a perceber um padrão prototípico que reduz o texto a uma repetição de formas sintagmáticas, delineado pela estabilidade e univocidade, em que não há espaço para a multivocalidade, marca de discursividade própria da enunciação dialógica.

Essa homogeneização do texto, provavelmente, um efeito da ausência da concretude da situação enunciativa e, portanto, das "condições reais da comunicação discursiva" (BAKHTIN, 2011, p. 291) parece ser uma marca da textualidade dos enunciados produzidos em resposta a perguntas formuladas ao *ChatGPT*. Sob o prisma da ADD, os discursos que emergem na interação discursiva são delineados pela diversidade e pela heterogeneidade

enunciativa, o que nos remete a Volóchinov (2017, p. 177): "para um falante, a forma linguística é importante não como um sinal constante e invariável, mas como um signo sempre mutável e flexível".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos são os desafios, quando se trata de analisar os processos formativos, seja na Educação Básica ou no Ensino Superior, diante das possibilidades oferecidas pelos modelos de linguagem oferecidos pela Inteligência Artificial. Como professores e pesquisadores, formadores de leitores e produtores de textos para atuar criticamente em sociedade, não podemos nos furtar a participar dessa reflexão que, pela complexidade e amplitude, demanda um diálogo multidisciplinar.

Com vistas a contribuir para os estudos que se voltam para o papel da linguagem no desenvolvimento humano, neste artigo objetivamos examinar as possibilidades de usos das tecnologias de geração de textos, no processo de formação acadêmica e profissional do sujeito universitário, e refletir sobre as implicações dos usos da ferramenta *ChatGPT*, na constituição autoral e identitária desse sujeito.

A fim de alcançar nossos objetivos e, considerando a velocidade e a imensa "disponibilidade de fontes de informação, juntamente com a oferta de novas possibilidades de produção de conhecimento" (GOMES; LOPES, 2021, p. 185), buscamos a conexão com aportes teóricos de outros campos disciplinares, como a Filosofia, a Filosofia da Linguagem e os estudos linguísticos de orientação discursiva e dialógica. Nesse diálogo multidisciplinar com outros saberes, foi possível delinear percursos investigativos que considerassem a atividade discursiva nas relações entre sujeito, linguagem e discurso.

Submetendo à análise um texto produzido pelo *ChatGPT*, ferramenta de IA, foi possível apreender, pela materialidade textual, os modos de produção da textualidade desse "assistente virtual inteligente", isto é, o agenciamento dos recursos lexicais e das estruturas sintáticas, para desenvolver o conteúdo temático, ou melhor, responder à pergunta proposta pelo leitor pesquisador.

Mesmo considerando o caráter preliminar e introdutório do exercício de análise empreendido – o que solicita, necessariamente, novos investimentos de estudo –, foi possível apreender os efeitos de um texto descolado de condições enunciativas, ou seja, um texto resultante de colagem de dados, marcado pela unicidade e homogeneidade, circunscrito a um

espaço de resposta, portanto, sem lugar para a historicidade, a heterogeneidade e a diversidade de posicionamentos. Na ausência de uma dinâmica social e interacional, o texto se estabelece como mero somatório de estruturas sintagmáticas e padrões sintáticos coesivamente articulados, o que pode representar uma imagem de texto gramaticalmente bem construído. No entanto, como demonstramos no exame feito, o texto, produto de "redes neurais" de geração de dados, acaba (re)produzindo desinformações acerca do tema, o que fere um dos princípios que regem as práticas discursivas: o estabelecimento de verdades que se filia ao discurso científico e às instituições que o sustentam.

Investir em práticas de leitura que problematizem os modos de dizer em textos produzidos por ferramentas de IA pode contribuir sobremaneira para rever padrões de textualização, em especial, para desenvolver formas de interação em que leitores usuários das tecnologias de informação ajam com consciência frente a um dispositivo de saber-poder de (in) formar os sujeitos humanos.

A mobilização de práticas que impliquem os graduandos a pensar em percursos de constituição de autoria possibilitaria a formação de sujeitos leitores e escreventes que possam reagir diante da crença em um "sujeito" capaz de decifrar o conhecimento e assim transformar-se em um avatar da sabedoria no universo da Mídia Digital, que fabrica um dispositivo inteligente com nexos neurais e assume um lugar de fala oracular no universo de narrativas tecno-fantásticas que se entremeiam às práticas sociais de conhecer, apreender, pesquisar, ler e construir o saber científico.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Juliana A. "Eu sei, mas não consigo colocar no papel aquilo que eu sei": representações sobre os textos acadêmico-científicos. *In*: RINCK, F.; BOCH, F.; ASSIS, J. (org.). **Letramento e formação universitária**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2015, p. 423-454.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos A. Faraco. 3. ed. São Carlos: Pedro e João Editores, 2017.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin** – outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto. p. 9-31.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Org. da Tradução Anna R. Machado e Maria de Lourdes M. Matencio. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2006.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos** – por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna R. Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo; Martins Fontes, 1994.

COSTA, Marco Antônio F. da; COSTA, Maria de Fátima Barrozo da. **Projeto de pesquisa**: entenda e faça. Petrópolis, Rio de Janeiro; Vozes, 2015.

DIÉGUEZ, Antônio. **O transumanismo acredita que o ser humano está em um suporte equivocado**. São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Instituto Humanitas Unisinos, 2019. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/594942. Acesso em: 03 jun. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos et escritos**: estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural do Collège de France. Tradução de Laura Fraga de A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FREITAS, Claudia. **Linguística computacional**. São Paulo, Parábola, 2022.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOMES, Fernanda S.; LOPES, Maria Angela Paulino T. Infodemia e construção sígnica – movimentos responsivos sob a retórica da pós-verdade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, Ed. PUC Minas. v. 25, n. 54, p. 158-189. 2º quadrimestre 2021.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto**. Formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas: Pontes, 2020.

PARENTE, André. **Imagem máquina**: a era das tecnologias do virtual. São Paulo: Ed. 34, 1999.

POSSENTI, Sírio. Indícios de autoria. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 20, n. 01, p. 105-124, jan./jun. 2002.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SAIBA acessar o ChatGPT e use a IA para melhorar o seu dia a dia. 30 abr. 2023. Disponível em: https://www.noticiasaominuto.com.br/tech/1999275/entenda-o-que-e-e-como-acessar-o-chat-gpt. Acesso em: 22 maio 2023.

SARAMAGO, José. **O Evangelho segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Jane Quintiliano G.; LOPES, Maria Angela Paulino T. (org.) **Práticas discursivas em letramento acadêmico**: questões em estudo. Entrevistas sobre a escrita acadêmica. Vol. 2. Belo Horizonte, Ed. PUC Minas, 2020, 208 p. (Coleção Práticas discursivas em letramento acadêmico: questões em estudo). Disponível em: https://www.editora.pucminas.br/obra/praticas-discursivas-em-letramento-academico-questoes-em-estudo-volume-2. Acesso em: 8 jun. 2023.

TUDO sobre Big-Techs. c2023. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/tudo-sobre/big-techs/. Acesso em: 03 jun. 2023.

VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente**. Tradução de José Cipolla Neto; Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VOLÓCHINOV, Valentin N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólvoka Américo. São Paulo: Ed. 34, 2017.

VOLOCHÍNOV, Valentin N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Ed., 2013.